



LEISHMANIOSE VISCERAL NO ESTADO DO MARANHÃO: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

ALBERT EDUARDO SILVA MARTINS; ANA ROSA VIEIRA DE MAIRINS;
CYNTHIA GALVÃO INÁCIO; JULYANA ROBERTA GOMES DO NASCIMENTO;
MARIA CLARA LOPES AGUIAR

RESUMO

INTRODUÇÃO: A leishmaniose visceral (LV) é uma doença parasitária, não contagiosa, também classificada como doença tropical negligenciada (DTN). Cursa com diversos sintomas que vão de febre e perda de peso à pancitopenia. Tais características fazem da LV um problema sério de saúde, com risco de morte. **OBJETIVO:** Descrever o perfil epidemiológico dos pacientes com leishmaniose visceral, no Maranhão, durante os anos de 2012 a 2021. **METODOLOGIA:** Estudo epidemiológico, ecológico, descritivo e quantitativo, cujos dados foram coletados da base de dados do DATASUS. **RESULTADOS:** A pesquisa demonstrou que o ano com mais doentes para o período estudado foi o de 2017, com 793 casos. Nesse mesmo intervalo de tempo, o número de óbitos por LV foi de 416 e a taxa de letalidade foi de 7,39%, sendo que de dados em branco foram 900. Sobre a escolaridade, a maioria se enquadra em “não se aplica” (48,54%), seguidos por indivíduos com 1ª à 4ª série do ensino fundamental incompleto (10,81%). Homens foram prevalentes (65,48% do total de casos), compondo aproximadamente o dobro de casos e óbitos em relação às mulheres. Os maiores representantes dos casos, em relação à faixa etária, foram crianças de 1 a 4 anos (30,44%), seguidas por adultos entre 20 e 39 anos (21,40%). Dos meses com mais casos, pode-se apontar julho (11,75%), junho (10,63%) e agosto (10,56%). **CONCLUSÃO:** A LV segue as tendências previstas na bibliografia, de forma que o perfil epidemiológico dos pacientes do Maranhão, no anos de 2012 a 2021, conta com pessoas do sexo masculino, na faixa de 1 a 4 anos, residentes da zona urbana e de baixa escolaridade. Acrescenta-se que o mês de julho teve maior incidência nos anos estudados. Também, foi confirmada a transição dos casos da zona rural para a urbana e que, sendo DTN, os dados relacionados à contaminação e aos óbitos flutuam por números muito semelhantes - em razão do descaso com a população mais afetada.

Palavras-chave: *Leishmania infantum*; estudo quantitativo; doença tropical negligenciada; parasitologia; saúde pública.

1 INTRODUÇÃO

A Leishmaniose visceral é uma doença tropical negligenciada, não contagiosa. As manifestações clínicas consistem principalmente em febre, perda de peso, pancitopenia e hepatoesplenomegalia, evoluindo gravemente diante da falta de tratamento adequado (BURZA; CROFT; BOELAERT, 2018).

A doença é causada por protozoários do gênero *Leishmania* e transmitida por

fêmeas infectadas do mosquito *Lutzomyia*. No caso do Brasil, a espécie causadora é a *Leishmania infantum* e seu ciclo de vida consiste na passagem da forma amastigota, que sobrevive em roedores e canídeos, para um novo hospedeiro através do vetor (mosquito). Para isso, esses organismos se diferenciam em promastigotas, fase na qual se multiplicam e buscam nutrição no interior do mosquito. Depois, quando há escassez de nutrientes, ocorre a diferenciação em promastigotas metacíclicos que, quando injetados no mamífero, podem se instalar nos macrófagos (FERREIRA, 2020).

Em relação aos outros países da América do Sul, a situação do Brasil é caracterizada pela elevada frequência dos casos e pelo elevado risco, porque a parasitose que antes atingia predominantemente a população rural nordestina avança sobre outros estados e regiões, principalmente na periferia de grandes centros. Apesar disso, no Brasil, o maior número absoluto de contaminados pertence ao Maranhão, assim como os maiores valores de YLL (years of life lost), cálculo que estima quantos anos uma pessoa viveria se não tivesse morrido prematuramente (Bezerra et al., 2018), o que justifica a escolha dessa Unidade Federativa para o estudo.

Portanto, sendo a forma mais grave da doença, é importante conhecer os fatores que promovem a sua manutenção no território e contribuir com a eleição de intervenções que controlem sua incidência. Neste contexto, o presente trabalho objetiva descrever e analisar o perfil epidemiológico da leishmaniose visceral no estado do Maranhão (MA), na intenção de contribuir para melhorias das ações de saúde referentes à doença.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico, ecológico e descritivo, com abordagem quantitativa, feito a partir de dados do TABNET/DATASUS.

Na plataforma, comparou-se a quantidade de casos confirmados em cada Unidade Federativa, em um período de 10 anos, fazendo perceber o estado do Maranhão como aquele com o maior número de notificações. Em seguida, separadamente e restringindo a área de abrangência ao Maranhão, esses dados foram distribuídos por ano, evolução – especificamente com dados de Ign/Branco e óbitos por LV –, faixa etária, sexo, zona de habitação e escolaridade, no mesmo período de tempo – 2012 a 2021. Também foi calculado o número de casos por mês, na tentativa de encontrar sazonalidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

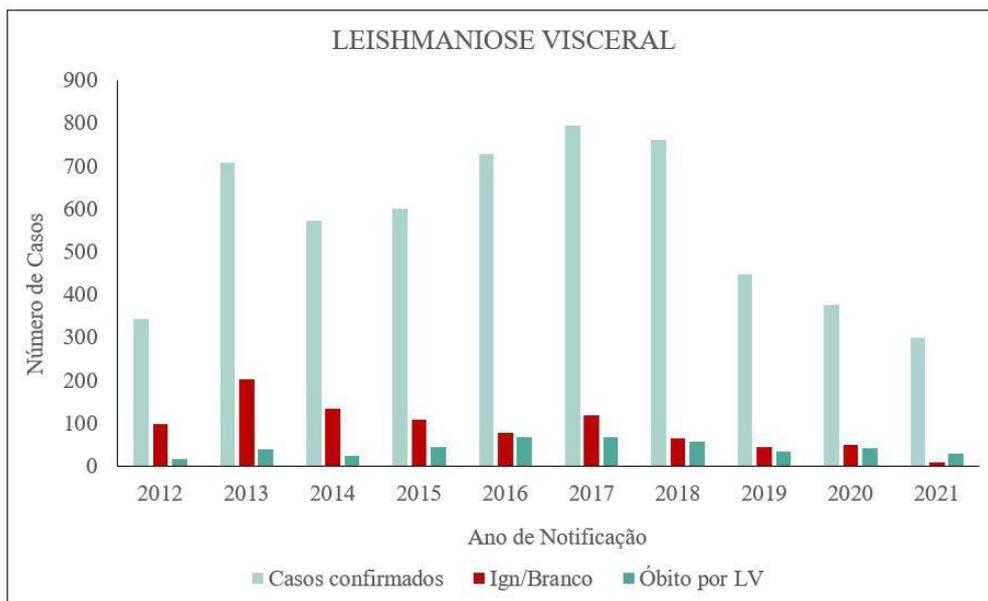
Observando-se os dados coletados referentes ao período de 2012 a 2021, nota-se que o Maranhão foi relatado como o estado de mais casos notificados em 10 anos, com 5.624 casos. Nesse sentido, tomando como base o quesito ano de notificação no estado do Maranhão, o pior ano em número de notificações foi 2017 com 793 casos e o ano com menor número de notificações foi 2021 com 298 casos. Expandindo os dados, percebe-se a seguinte disposição: 2012 com 342, 2013 com 708, 2014 com 571, 2015 com 601, 2016 com 728, 2017 com 793, 2018 com 760, 2019 com 447, 2020 com 376 e 2021 com 298. Tal configuração traz 562,4 como a média anual de casos e uma mediana de 586.

Dessa forma, identifica-se uma redução percentual de 67,30% levando-se em consideração a comparação entre os anos de 2017 e 2021.

Sob o panorama da evolução dos pacientes com LV, nos anos de 2012 a 2021, é possível constatar que os pacientes que chegaram à cura foram 3.493, porém o número de óbitos por LV foi de 416 e aqueles categorizados com Ignorado/Branco corresponderam a 900 dos casos. Portanto, a taxa de cura foi de 62,10%, a taxa de letalidade foi de 7,39% e o percentual de dados em branco em relação às notificações contabilizadas foi

de 16% o que corresponde, em número bruto, a 900 casos.

Gráfico 1: Distribuição de casos confirmados por ano, dados em branco e número de óbitos por Leishmaniose Visceral – LV.

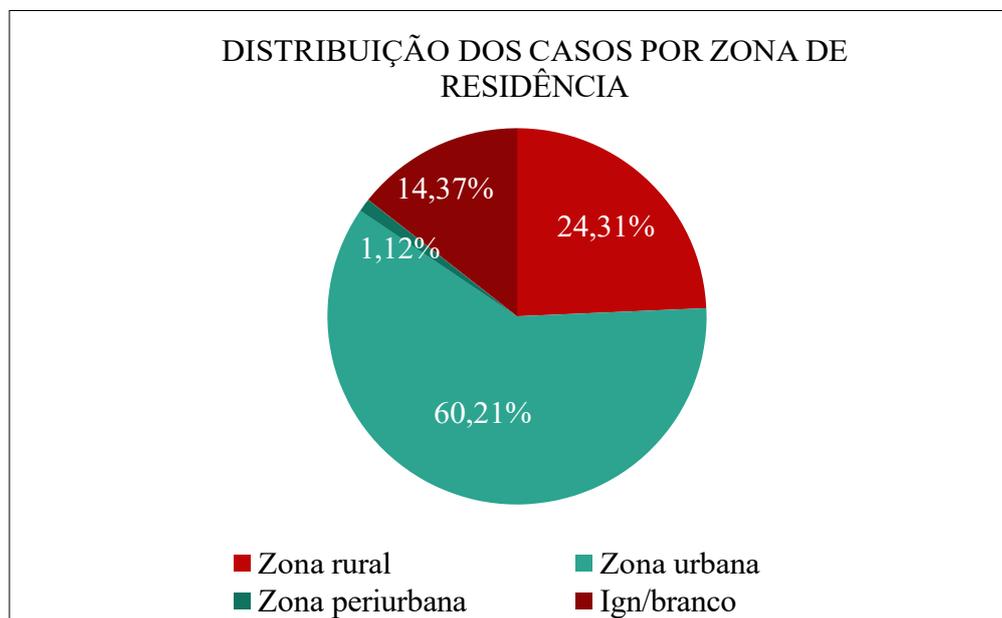


Quanto à escolaridade, a maioria dos casos confirmados foi referente a pessoas que possuíam o período da 1ª à 4ª série do ensino fundamental incompleto, correspondendo a 10,81% dos casos totais no estado. Em contraposição, as pessoas com ensino superior incompleto apresentaram a menor quantidade de notificações, compondo 0,19% das mesmas. Do total, 48,54% enquadraram-se na categoria “não se aplica”.

Outro aspecto também observado foram as zonas de residência das pessoas afetadas, no qual destacou-se a zona urbana com o maior número de casos, condizendo com 60,21% dos mesmos. A zona periurbana foi a menos afetada, abrangendo 1,12% das notificações.

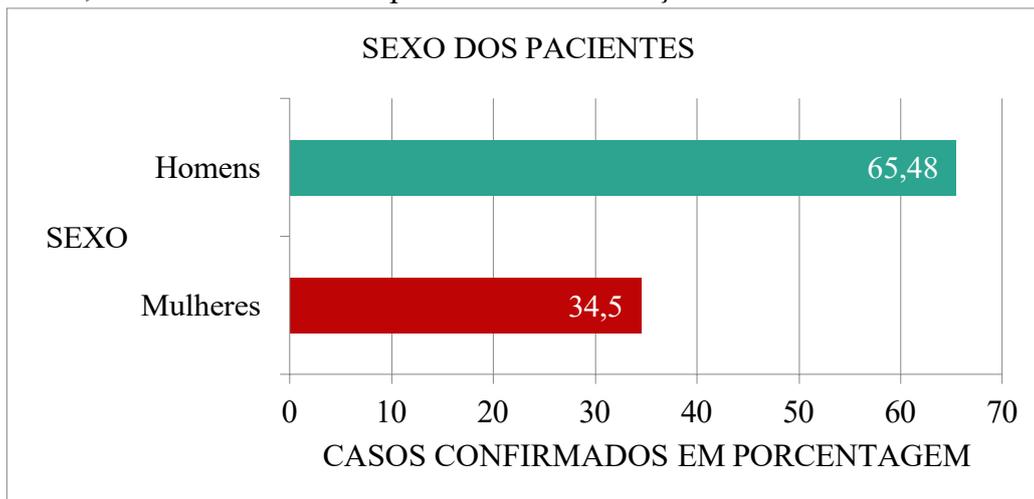
A superação no número de casos da zona rural em relação à zona urbana não foi observada em nenhum dos anos estudados.

Gráfico 2: Distribuição dos casos confirmados de leishmaniose no Maranhão, nos anos de 2012 a 2021, por zona de habitação.



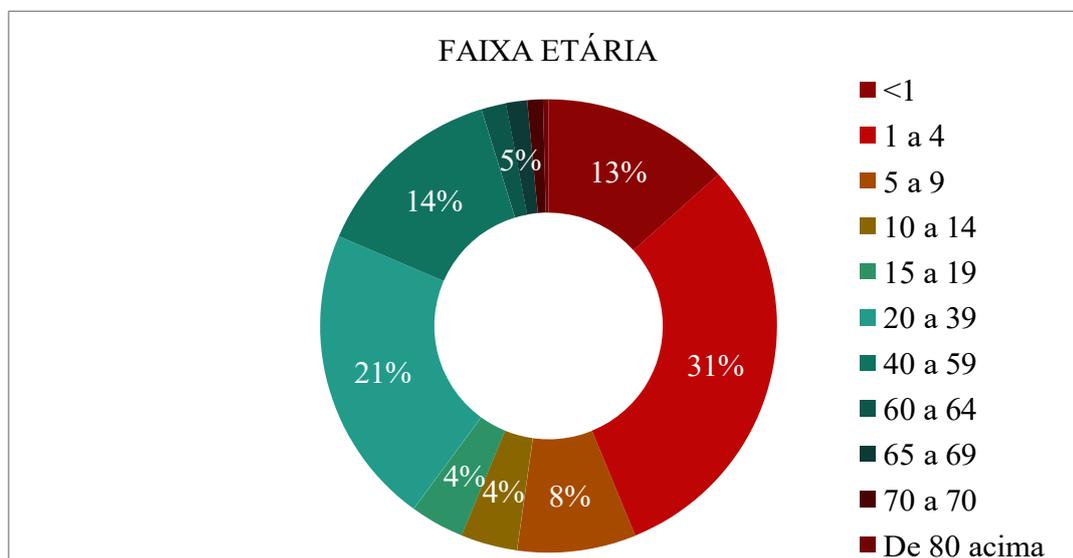
No que se refere ao sexo das pessoas com doença confirmada, para o período estudado 65,48% do total de casos eram do sexo masculino e 34,51% eram do sexo feminino. Então, comparando a população feminina e a masculina, é possível calcular uma proporção de 1:1,89 – portanto com o número de homens sendo quase o dobro do de mulheres com a doença. De forma semelhante, ao associar o sexo à mortalidade, torna-se visível a compatibilidade entre as proporções, dado que para cada mulher 1,99 homens foram a óbito por LV.

Gráfico 3: Representação gráfica que compara a porcentagem de leishmaniose visceral do Maranhão, conforme o sexo dos pacientes com doença confirmada.



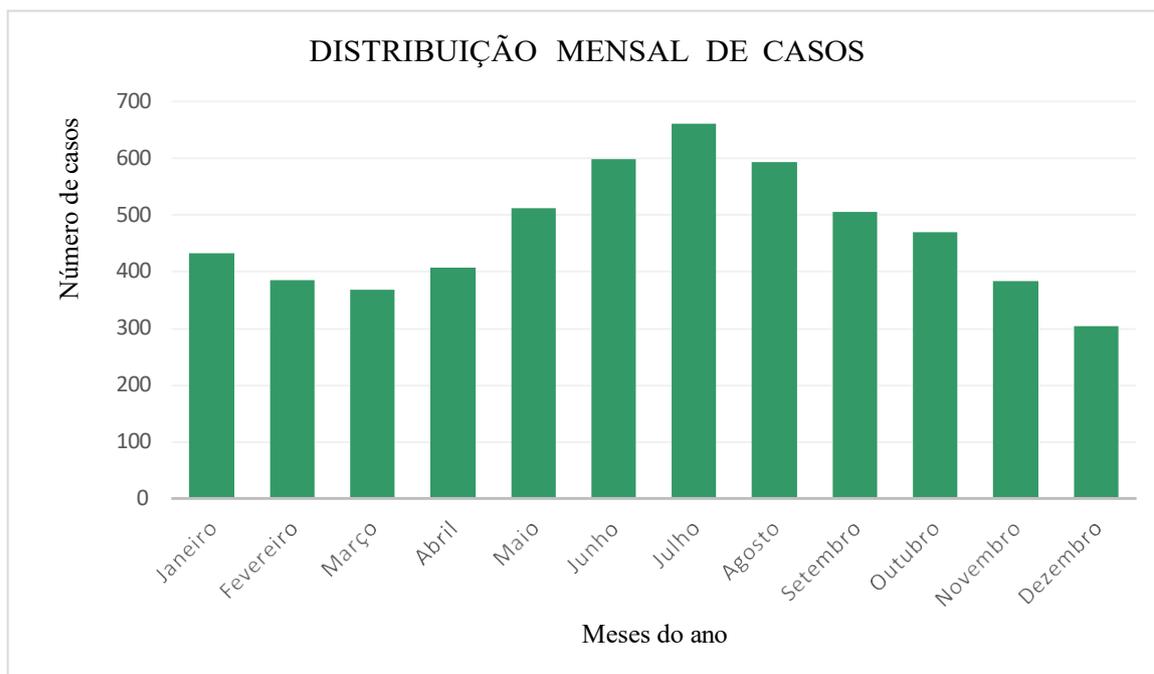
Outro ponto interessante é a faixa etária dos casos confirmados, porque comparando os anos de 2012 a 2021, observou-se que houve predomínio de casos envolvendo crianças com idade entre 1 a 4 anos, estas representando 30,44% dos casos. Em seguida, as faixas etárias mais prevalentes foram os adultos de 20 a 39 anos, com 21,40% da parcela de casos confirmados. O índice também mostrou que idosos maiores de 80 anos assumiram 0,39% sendo, até então, a faixa etária com menor número de casos confirmados por LV no estado do Maranhão.

Gráfico 4: Representação gráfica dos casos confirmados de Leishmaniose, de 2012 a 2021, por faixa etária.



Por fim, foi feita a distribuição mensal das infecções pela doença durante os 10 anos observados. Constatou-se que o mês de maior prevalência da LV é julho, o qual abriga 11,75% das notificações, enquanto a menor taxa de infecção pela parasitose é observada em dezembro, com 5,42% dos casos. No período analisado, os meses que ocuparam o 1º lugar no ranking anual foram junho (2014 e 2017), julho (2013, 2015, 2016, 2018, 2019 e 2020) e agosto (2012 e 2021).

Gráfico 5: Distribuição mensal dos casos confirmados de leishmaniose visceral, nos anos de 2012 a 2021, no Maranhão.



4 CONCLUSÃO

Em síntese, o estudo se utilizou de dados epidemiológicos e referências convencionadas para sua elaboração, no intuito de contribuir para a promoção da saúde, através de pesquisa e inovação.

Dessa forma, através do presente trabalho foi possível traçar o perfil epidemiológico da LV e foi concluído que ela ainda possui configuração de uma doença negligenciada pelas autoridades, uma vez que a população mais acometida é nordestina, 16% não têm evolução registrada, têm baixa escolaridade e habitam a zona urbana. Além disso, a maioria dos casos e dos óbitos é de homens, a faixa etária predominante vai de 1 a 4 anos e houve sazonalidade no mês de julho. A partir das informações adquiridas, é possível a criação de projetos de saúde, voltados para o perfil traçado.

Ademais, esse trabalho fornece subsídios para criar medidas de saúde capazes de diminuir as taxas de letalidade e o número de infecções, reduzindo assim o impacto causado pela leishmaniose visceral no estado do Maranhão.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Juliana M. T. et al. Burden of leishmaniasis in Brazil and federated units, 1990-

2016: Findings from Global Burden of Disease Study 2016. PLoS Negl Trop Dis, v. 9, n. 6697, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0006697>. Acesso em 22 de fevereiro de 2023.

Brasil, Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2023.

BURZA, S.; CROFT S. L.; BOELAERT M. Leishmaniasis. The Lancet, Londres, v 392, n 10151, p 891-984, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31204-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31204-2). Acesso em: 13 fev. 2023.

FEREIRA, Marcelo U. Parasitologia Contemporânea. São Paulo: Grupo GEN, 2020. E- book. ISBN 9788527737166. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527737166/>. Acesso em: 13 fev. 2023.